

# **AVALIAÇÃO, QUALIDADE E UNIVERSIDADE NA DICOTOMIA EDUCAR/INSTRUIR: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE JOSÉ SARAMAGO E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Edgar Domingo De Albuquerque

edgar.albuquerque@gmail.com

**Universidade de Sorocaba - SP**

## **Resumo**

Neste trabalho apresento uma relação entre os conceitos *educação* e *instrução* dentro da perspectiva da avaliação da educação superior e no contexto da tensão contemporânea sobre o papel das instituições de ensino superior, mais propriamente, a universidade. Para estabelecer a distinção entre os atos de instruir e educar, faço uso de uma conferência proferida pelo escritor português José Saramago, prêmio Nobel de Literatura no ano de 1998, intitulada “Democracia y Universidad”, na data de 17 de outubro de 2005 na abertura do Fórum Complutense 2005-2006 da Universidade Complutense de Madrid, na qual Saramago apresenta um conjunto de críticas e considerações sobre a educação no momento atual. Para tecer as relações entre o texto de Saramago e o cenário da avaliação da educação superior, faço uso da problematização de alguns pesquisadores brasileiros voltados a essa questão, com o objetivo de construir um diálogo entre a percepção deste influente literato da contemporaneidade e o debate acadêmico, buscando suas proximidades desde seus pontos de vistas aparentemente desconexos.

## **Palavras-chave**

Avaliação, Educação Superior, Educação, Instrução, Universidade.



José Saramago, em seu discurso de abertura do Foro Complutense de 2005, inicia sua fala nos alertando sobre a problemática do uso das palavras e de seus significados. Segundo Saramago (2010), o significado de uma palavra não é estático. Os significados das palavras se modificam ao longo do tempo e, eventualmente, podemos nos utilizar de certas palavras de forma equivocada. Ao fazer uso de certas palavras, pode nos ocorrer que ao pensar que estamos dizendo algo, digamos outra coisa.

Em geral, todos temos algo a dizer sobre educação. Educação é uma palavra que possui múltiplos significados e, por que não dizer, carregada de contradições. A que nos referimos quando dizemos que educamos alguém? Quando falamos de educação superior, o que entendemos por educação? Ainda, na impossibilidade de bem definir o que significa educar, questionamos: pode a escola, em seus múltiplos níveis, educar? A resposta de Saramago a essa pergunta é uma negativa e, ao tratar dessa questão, ele o faz estabelecendo uma distinção, em tom de provocação, entre o significado de educar e instruir. Para Saramago (2010, p. 27-28),

*instruir es, obviamente, transmitir conocimientos acerca de las distintas materias que están en el programa; educar es, según el diccionario, dirigir, encaminbar, adoctrinar, y los profesores, tengo que decirlo aunque pueda molestarle a alguien, no están para educar, sino para instruir, no pueden educar porque no saben y porque no tienen medios para hacerlo. Para instruir sí, para eso han recibido el encargo de la sociedad, que le ha asignado los medios científicos, las herramientas adecuadas y los programas pertinentes, todo lo necesario para transmitir un nivel de conocimientos que haga que los alumnos puedan progresar técnica y científicamente em la sociedad.*

A educação está ligada ao ensino de certos valores e comportamentos e, nesse sentido e de acordo com Saramago, ela está ligada à dimensão ética do indivíduo. Não é necessário ser instruído, ou seja, ter frequentado a escola, para ensinar a alguém os valores necessários à vida. “Una familia de analfabetos, con sus valores [...] puede educar, es la educación más básica que hay, la primera orientación para gobernarse en la vida rectamente” (SARAMAGO, 2010, p. 28).



A educação, o ato de educar, apresenta um significado que está circunscrito em uma compreensão ética. Já o sentido de instrução, tal qual aparece na crítica de Saramago, apresenta-se com significado utilitário e instrumental. Essa distinção entre educação e instrução, uma no campo da ética e a outra no campo da utilidade, também está presente nos debates e na produção acadêmica sobre a educação superior.

José Dias Sobrinho (2004, p.703), no que concerne ao caráter da educação superior, apresenta-nos dois modelos de compreensão, “um que concebe a educação superior segundo a lógica do mercado, outro que concebe a educação superior como um bem público”. Estes dois paradigmas estão presentes no pensamento de Saramago. Uma educação voltada para a lógica de mercado é, em certa medida, uma educação voltada para a lógica da utilidade. O processo ao qual denominamos *educação* ganha, nessa perspectiva, um caráter instrumental e, nos termos de Saramago, tal processo tem por significado a instrução. Os conteúdos e saberes são válidos quando instrumentalizam a ação do indivíduo. Neste mesmo contexto, Pedro Goergen (2008, p. 146) afirma que “na medida em que a ciência opera no sentido do atendimento aos interesses sistêmicos ou até mesmo mais estritamente mercadológicos, ela se torna instrumental, ou seja, passa a operar como instrumento do sistema”.

Se educar é um ato distinto do instruir, vê-se que a palavra educação, muitas vezes, tem o seu significado deslocado de sua dimensão ética, ou seja, da formação mais ampla do indivíduo, para a dimensão instrumental, o aprendizado daquilo que é necessário para, por exemplo, exercer uma profissão. A advertência supracitada de Saramago sobre os significados das palavras pode ser aqui percebida. Dentro de uma lógica de mercado, educar reduz-se ao ato de instruir. Tal redução nos leva ao questionamento sobre o caráter da educação superior e o papel das instituições de ensino superior. Sobre a possibilidade das escolas educarem, Saramago (2010, p. 31) é enfático:



*sin embargo la escuela no puede educar, no tiene los medios, no sabe, no nácio para eso; substituir lo que seria la responsabilidad y la competencia de la familia y también, de alguna forma, de la sociedad, no tiene que recaer sobre la escuela y los profesores, porque essa no es su misión.*

A educação, em seu sentido ético, é, ou deveria ser, tarefa da família e da sociedade. Entretanto, Saramago (2010, p. 30-31) observa que tanto a família quanto a sociedade se encontram em crise, pois “que la familia eduque debería ser tarea de ahora mismo, de hoy, pero todos sabemos que, en líneas generales, no es posible porque la familia está en crisis [...] la sociedad anda perdida”. É no contexto dessa dupla crise, família e sociedade, que o próprio Saramago conclui que “este es el problema, familia y sociedad en crisis, desmenbrada una, perpleja outra; por tanto, en esta situación, la única salida se ve en el horizonte es la escuela: el último refugio, la última esperanza”.

Aproximando-se mais propriamente da educação superior Saramago (2010, p. 36) caracteriza a universidade como

*una institución singular, a la que uno se acerca para aprender, aunque en mi opinión, su función es algo más que enseñar un oficio, la profesión que se pondrá en la tarjeta de visita y que ocupará la vida de cada persona. La universidad es el último tramo formativo em que el estudiante se puede convertir, com plena conciencia, en ciudadano; es el lugar de debate donde, por definición, el espíritu crítico tiene que florecer.*

Em consonância com o discurso de Saramago sobre a universidade, Dias Sobrinho também entende a educação superior como vocacionada para algo além da instrução ou instrumentalização dos indivíduos, de acordo com Dias Sobrinho (2008, p. 170),

*o que aqui estou assumindo como sendo a finalidade central da educação superior, ainda que não exclusiva e admitindo muitas limitações, é a formação para a vida em sociedade. Entendo que dentre todas as diversas tarefas que compete à educação superior desempenhar sobressai a de formar homens e mulheres para uma existência social mais digna [...] no âmbito de sua atuação e de sua competência, cabe à educa-*



*ção superior desenvolver, afirmar, consolidar ou mesmo construir a cidadania. Essa formação de cidadãos e consolidação da cidadania é, ao mesmo tempo, construção da sociedade democrática. (grifo meu)*

A relação da universidade com a democracia, já explícita no título da conferência de Saramago, aparece em sua fala de forma excludente. A crítica de Saramago aponta para o distanciamento da universidade do exercício democrático.

*La universidad, por su propia vocación y para responder a los desafíos del tiempo en que vivimos, debería ser el espacio por excelencia donde estos asuntos se debaterían. Todos los asuntos importantes para los ciudadanos son debatidos, sabiendo que todo se analiza, se disecciona, que si diéramos la vuelta al mundo ahora mismo, veríamos que se celebran congresos, mesas redondas, simposios, coloquios donde todo se está discutiendo, desde Dios a un micro-organismo, pero apuesto lo que quieran a que una sola cosa no se está siendo discutida, y eso es precisamente la democracia. (SARAMAGO, 2010, p. 39)*

Novamente a advertência de Saramago sobre as palavras nos é necessária. Quando se fala sobre democracia e, mais especificamente sobre a relação entre democracia e educação, a que estamos nos referindo? Qual o significado de democracia no âmbito da ação educativa? Dias Sobrinho (2008, p. 171), em relação ao princípio democrático-republicano e naquilo que diz respeito às instituições de ensino superior, entende que “a educação superior é um instrumento de aprofundamento e fortalecimento da autonomia pessoal, da emancipação do sujeito, mediante as relações com os valores, o conhecimento, a crítica, a reflexão, o exercício político da participação na vida da sociedade”.

Já se observou anteriormente a polissemia do termo educação, ora numa conotação ética/social, ora numa conotação mercadológica. A relação entre a educação superior, na figura da universidade, e a democracia situa-se nessa tensão de significados. Goergen (2008, p.146-148) mostra como essa tensão ressignifica a própria universidade e o que se espera dela ao constatar que “as universidades perdem sua função de legitimação do saber, o conhecimento se liga ao mercado e incorpora os seus interesses”, bem como o senso de democracia, de coletividade, se



dilui na medida em que “os estudantes já não estão interessados na grande tarefa do progresso social ou na narrativa da emancipação, mas na otimização de suas competências [...] com as quais poderão servir ao sistema de auferir ganhos pessoais”.

A educação superior, submetida à lógica do mercado, esvazia o indivíduo da sua dimensão ética, afasta-o da formação para a sociedade, despolitizando-o. Ao se reduzir o papel da universidade ao de apenas instruir, o conhecimento deixa de ser emancipatório. Segundo análise de Goergen (2008, p. 148), “a partir do momento em que o saber já não tem mais uma finalidade em si mesmo como realização de uma ideia ou como emancipação do homem, ele se torna operacional, performático e sistêmico”.

Educar e instruir dicotomizam-se na medida em que um é entendido como a formação do cidadão e o outro é entendido como formação instrumental. Diante dessa dicotomia, outra vez nos encontramos no dilema dos significados que as palavras encerram, pois quais os significados de qualidade e avaliação para a educação superior? Conforme Dias Sobrinho (2004, p. 705), “como fenômenos sociais, educação superior e avaliação sofrem mudanças e cumprem papéis dinâmicos, respondendo às demandas que lhes são feitas nas mais diversas circunstâncias históricas”.

Frente a grande expansão da educação no século XX, Saramago (2010, p. 33) observa que “precisamente quando la instrucción está al alcance de todos, o de casi todos, cuando el acceso al idioma es fácil [...], justo ahora es cuando hablamos peor”. A constatação de Saramago atenta para o contexto mais amplo da educação, pois a qualidade da educação superior está diretamente relacionada com seus níveis anteriores:

*si la escuela primaria está mal – y lo está en todas partes, no sólo en España o em Portugal -, si la enseñanza média está mal ¿como aspirar a que se resuelva de golpe el problema em el último tramo? Es como si el hecho de haber entrado en la universidad, tantas veces sin la preparación suficiente, fuera la condición necesaria para que el milagro se produzca.” (SARAMAGO, 2010, p. 35)*



O sentido de avaliação na educação também é afetado na dualidade ética/instrumental da qual temos tratado. Segundo Dias Sobrinho (2004, p. 707), “a avaliação nem sempre é aplicada com função pedagógica, formativa e, portanto, de emancipação pessoal e social. Muito comumente, ela tem exercido funções de controle, seleção social, restrições à autonomia”.

A avaliação do ensino superior, quando restrita ao sentido de instrução, reduz-se à medição da performance da instituição em cumprir com suas propostas formativas. Se instruir é o sentido da educação, verificar o grau de eficiência dessa instrução se torna o foco da avaliação. Como salienta Goergen (2008), a avaliação assume a natureza da instituição, ou seja, se a instituição de ensino superior tem orientação mercadológica, a avaliação fica restrita ao seu desempenho frente ao mercado. A qualidade da educação, neste caso, está condicionada ao sentido de instrução.

Para Saramago (2010) a universidade deveria reivindicar a qualidade da educação desde o seu início. Para tal, caberia à universidade debater a diferença entre instruir e educar, debater a crise da educação na família, bem como todas as carências que de alguma forma afetam o bom funcionamento da sociedade. Nesse sentido, avaliar o ensino superior deveria comportar, também, o seu sentido ético.

*la universidad tiene que asumir su responsabilidad en la formación del individuo, y tiene que ir más allá de la persona, porque no se trata sólo de formar un buen informático o un buen médico, o un buen ingenero, la universidad, además de buenos profesionales debería lanzar buenos ciudadanos. (SARAMAGO, 2010, p. 55)*

*a capacitação profissional é um elemento imprescindível do desenvolvimento da vida social. Não deve tratar-se de mera capacitação técnica, de adesão acrítica às urgências do mercado, nem de adesão à economização da sociedade. Deve tratar-se da formação de profissionais competentes do ponto de vista técnico e operacional, porém, com profundo sentido ético, autonomia moral e consciência de que o conhecimento e a técnica são bens públicos. (DIAS SOBRINHO, 2010, p. 172)*

Goergen (2008, p. 148) também enfatiza a necessidade da avaliação do ensino ultrapassar sua função meramente mercadológica ao dizer que a avaliação



“não deve transformar-se em algo como um serviço indiretamente encomendado pelo mercado e seus agentes, para controlar e promover a adequação da instituição de ensino superior aos seus interesses”. Dias Sobrinho (2008, p. 172), alinhado ao sentido ético da educação, diz que a avaliação deve “ter compromisso com os princípios e valores que mais plenamente realizam as finalidades essenciais da vida humana”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dicotomia instruir/educar se ramifica nas várias instâncias da educação, seja a informal, desenvolvida no seio da família e da própria sociedade, seja a formal, institucionalizada nas diversas esferas, da educação infantil à pós graduação. As possibilidades de conexões e debates sobre essa dicotomia são numerosas e, nesse sentido, este trabalho apenas introduz, muito superficialmente, uma dessas possibilidades.

Ao aproximar a visão de um literato como José Saramago às considerações de pesquisadores em educação superior, noto que há uma sintonia em relação às percepções do papel da educação superior no contexto da tensão entre uma formação instrumental e uma formação ética. Concordamos com a distinção necessária entre educar e instruir, distinção esta que não significa a substituição de uma pela outra. Ao diferenciar educação de instrução, pretendemos salientar a dupla função do ensino superior e, de forma colateral, dos critérios que definem a avaliação de sua qualidade.

O ensino superior deve ocupar-se de instruir, de capacitar e de formar bons profissionais. A avaliação do ensino deve preocupar-se com as necessidades do mundo profissional, da economia e do desenvolvimento social. A qualidade da educação superior deve ter por parâmetros ambas as dimensões aqui discutidas. Assim, o ensino superior não deve perder de vista sua dimensão ética. Não deve suprimir o cidadão em função do técnico. Não deve furtar-se ao debate dessas



questões e, sobremaneira, furtar-se a levar esse debate aos cidadãos, à família e à sociedade. O debate fica em aberto, com a perspectiva de que os significados de educar e instruir encontrem, junto da universidade, a superação dessa dicotomia, pois nas palavras de Saramago (2010, p. 56), “creo que la universidad puede, creo que vosotros podéis.”

## REFERÊNCIAS

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação Educativa: Produção de Sentidos com Valor de Formação. In: DIAS SOBRINHO, José (et. al.). **Universidade e Sociedade: Perspectivas Internacionais**. Sorocaba: Eduniso, 2008. p. 169-182.

\_\_\_\_\_. Avaliação ética e política em função da educação como direito público ou como mercadoria? In: Educ. Soc., Campinas, v. 25, n. 88, p. 703-725, Especial, Out. 2004.

GOERGEN, Pedro. Avaliação Institucional: Entre a Performatividade e a Legitimação. In: DIAS SOBRINHO, José (et. al.). **Universidade e Sociedade: Perspectivas Internacionais**. Sorocaba: Eduniso, 2008. p. 137-151.

SARAMAGO, José. **Democracia y Universidad**. Madrid: Editorial Complutense, 2010.

Recebido: 16/12/2012

Aprovado para publicação: 11/01/2012

